

A MEDIAÇÃO: PAULO FREIRE E ISTVÁN MÉSZÁROS

José Luís Vieira de Almeida¹

Resumo

Ao abordarmos a categoria *mediação* no pensamento de Paulo Freire e no de István Mészáros não pretendemos adotar a perspectiva da semelhança entre os dois autores, pois, ela implica, necessariamente, a desqualificação de um deles em favor do outro. Assim, trataremos da diferença entre ambos, porque é por meio dela que poderemos destacar tanto o caráter dialético quanto o ontológico presentes nas duas concepções.

Com este texto, além de estabelecermos o diálogo entre os dois autores, com base na categoria *mediação*, temos também o objetivo de mostrar que essa categoria é fundamental no pensamento freiriano, desde que o compreendamos a partir de um ponto de vista ontológico.

O fundamento da discussão que ora propomos é a tensão – dialética – entre a unidade e a diversidade. Dessa forma, para nós, a unidade entre o pensamento de Freire e o de Mészáros está no cunho ontológico e humanista presente neles, e a diversidade expressa-se no método de análise que, em Freire, é a fenomenologia, enquanto que em Mészáros é o materialismo histórico. A adoção de métodos de análise distintos não torna um pensamento superior ou inferior ao outro apenas os distingue, porque se apóiam em visões de mundo diferentes que, nesse caso, não são antagônicas, pois ambas, como também a categoria *mediação*, têm origem na filosofia de Hegel.

Esperamos assim contribuir no debate acerca do caráter ontológico do pensamento freiriano bem como apresentar à comunidade freiriana as formulações de Mészáros, cujo fundamento é a ontologia do ser social.

A mediação

O uso do vocábulo *mediação* tem sido freqüente entre os pesquisadores do campo da educação no Brasil, e esta freqüência é diretamente proporcional à imprecisão dos sentidos que ele assume. A palavra *mediação* pode se referir ao termo médio de uma relação entre elementos eqüidistantes, ou à ligação entre dois termos distintos, ou ainda à passagem de um termo a outro. Ela pode também dizer respeito à harmonização de conflitos entre interesses opostos (antagônicos ou não). Falamos, por exemplo, no professor como mediador da relação ensino-aprendizagem, ou no caráter mediador presente na ligação que se estabelece entre o conhecimento sistematizado pelas ciências naturais ou sociais e aquele que o aluno desenvolve no seu cotidiano. Assim, atribuímos à *mediação*, o dever ou a possibilidade de eliminar ou minimizar a diferença entre os termos ensino e aprendizagem ou conhecimento sistemático e experiência cotidiana, ou ainda entre o professor e seus alunos. Entendida dessa forma, a *mediação* tem o sentido de união, de unificação, de igualdade e, sobretudo, é compreendida como resultado, como produto de uma relação entre dois elementos opostos que, por meio dela, podem ser homogeneizados.

¹ Centro Universitário Nove de Julho - UNINOVE e Universidade Estadual Paulista – UNESP. Área de Investigação: Filosofia da Educação/Ontologia do Ser Social

A *mediação* é uma categoria filosófica que alcança seu pleno desenvolvimento em Hegel, logo, ela é dialética e não pode ser entendida fora da perspectiva deste método de análise.

Em Hegel, a mediação refere-se à relação entre o imediato e o mediato: a *mediação* é, portanto, uma força negativa que une o imediato ao mediato e, por isso, também os separa e os distingue. Apesar de permitir a passagem de um termo a outro, ela não é apenas uma “ponte” entre os dois pólos, ela é um dos elementos da relação responsável por viabilizá-la. A *mediação* permite, pela negação, que o imediato seja superado no mediato sem que o primeiro seja anulado ou suprimido pelo segundo, ao contrário, o imediato está presente no mediato e este está presente naquele, então ela é a responsável pela reflexão recíproca de um termo no outro. O mediato não supera o imediato, quem o faz é a *mediação*, assim, a força inerente à superação não se manifesta nos pólos da relação, o imediato e o mediato, ela é uma propriedade da *mediação*.

A mediação em István Mészáros

As formulações desse autor nos permitirão compreender qual é a dinâmica por meio da qual ocorrem as mediações. Mészáros se dedica, fundamentalmente, ao estudo da *automediação*. De acordo com o autor, ela não exclui o ser humano da natureza, mas o distingue dela. Ele está localizado numa parte específica da natureza. Essa condição permite ao ser humano interferir nela. Nesse sentido, a natureza se autotransforma, na medida em que o ser humano, agente da transformação, está inserido nela. É a natureza quem propicia a *mediação* entre si mesma e o homem, em primeiro lugar porque o homem é também natureza e em segundo lugar porque ela oferece as condições para que o ser humano a modifique. Por exemplo, o solo pode ser cultivado, o curso dos rios pode ser alterado e os diamantes podem ser lapidados. Este é o primeiro dos sentidos da *automediação* destacados por MÉSZÁROS, o segundo diz respeito à *mediação* entre o homem e os outros homens que só se realiza por meio da atividade produtiva como o modo pelo qual o ser humano transforma a natureza. Como os homens não se separam da natureza, as relações entre eles não podem se desenvolver fora dela.

A mediação em Paulo Freire

Cabe-nos esclarecer que Paulo Freire não usa a palavra *mediação* e sim *mediatização* que, como a primeira, expressa a superação do imediato no mediato. Nos escritos freirianos, a *mediatização* assume uma conotação fenomenológico-existencialista, pois neles os homens são mediatizados pelo mundo. Porém, na prática pedagógica desenvolvida pelo educador pernambucano, a *mediatização*, além de ser a sua categoria fundamental, tem por base a ontologia do ser social proposta por Marx. Não queremos, com essa afirmação, atribuir a Paulo Freire posturas teórico-metodológicas que ele, pessoalmente, não assumiu; nosso intuito é mostrar que a *mediatização* expressa uma *práxis*, compreendida na perspectiva de Marx, ou seja, como tensão dialética entre a teoria e a prática.

Na teoria freiriana, a *mediatização* é compreendida como uma “ponte” entre os seres humanos e o mundo, porém, na prática, ela expressa a superação do imediato no mediato e está presente desde o primeiro momento quando a palavra geradora é apresentada aos

educandos. Por exemplo, o tijolo é apresentado a eles como imediato: um tijolo qualquer entre outros tijolos e entre outros objetos, todos imediatos; quando a palavra é decodificada, por meio das famílias silábicas, ela assume para os educandos um caráter mediato. Assim, o tijolo, antes imediato, passa a ser compreendido na sua relação com outros objetos e com os seres humanos, portanto, como cultura. Desta forma, o imediato é superado no mediato.

A mediação também é o fundamento do círculo de cultura, pois a sua dinâmica propicia a superação do imediato no mediato por meio do tema gerador. Nele encontramos a verdadeira ontologia freiriana: o círculo de cultura é uma aula ontológica.

Bibliografia Consultada

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 8 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 5 ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GARAUDY, Roger. *Para conhecer o pensamento de Hegel*. [Trad. Suely Bastos] Porto Alegre: L&PM, 1983.

LUKÁCS, György. *Ontologia do Ser Social: Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho] São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MÉSZÁROS, István. *Marx: a teoria da alienação*. [Trad. Waltensir Dutra] Rio de Janeiro: Zahar, 1981.